

Apresentação

Dossiê: Cuidar da Vida

Presentation

Dossier: Take care of life

Valmor da Silva*

A Revista *Estudos Bíblicos* abre esta nova fase, de publicação virtual, com um número dedicado ao tema *Cuidar da Vida*. Dedicar-se ao cuidado da vida nunca é demais, e se torna premente nesses tempos de pandemia, pelo corona vírus. A pandemia que assola o Brasil e o mundo é o contexto que pede a iluminação bíblica para superá-la. A lâmpada da palavra de Deus, certamente, pode clarear situações de caos, sofrimento e morte.

Os artigos deste número de *Estudos Bíblicos* oferecem temas diversos, como exploração do planeta e necessidade de repouso, isolamento social e purificação de doenças, corrupção e prática da justiça, lamentação e confiança em Deus, enfermidade e cura compassiva, carências de vida e misericórdia, Reino de Deus e Império Romano, pecado e superação, ansiedade negativa e ansiedade amiga, sofrimento e esperança etc.

Direta ou indiretamente, os assuntos se relacionam com o *Cuidar da Vida*, seja através da defesa da saúde, da cura de enfermidades ou da prática de misericórdia e compaixão. Partem, em geral, de textos bíblicos específicos, com análises pontuais e reflexões abrangentes. Lançam o olhar sobre a Escritura Sagrada, com os pés no chão da realidade atual. Segue um panorama geral, com exposição de cada um dos artigos.

Ludovico Garmus faz o histórico da Revista *Estudos Bíblicos*, desde seus inícios, em 1984, até 2020, ano de sua edição online. Estabelece, desse modo, a conexão entre o passado da Revista e a sua proposta de continuidade. Explica o ambiente ecumênico em que nasceu *Estudos Bíblicos*, em contexto de leitura popular da Bíblia e de Teologia da Libertação, a serviço da pastoral e sempre em defesa da vida plena. Explica a colaboração de biblistas de todo o Brasil, ao longo desses 36 anos ininterruptos de publicação. Destaca as pessoas que se empenharam nas primeiras horas, sendo o próprio autor do artigo o protagonista, como Editor Chefe da Revista por todo esse tempo. Os agradecimentos especiais se devem à Editora Vozes, pelo serviço franciscano prestado na

* Coordenador deste número. Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), Mestre em Exegese Bíblica (Pontifício Instituto Bíblico) e Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma). Professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil. E-mail: lesil@terra.com.br.

publicação de *Estudos Bíblicos*. Agradecimentos às pessoas que colaboram nesse projeto, consoante ao que reza o salmista: “Ele manda à terra a sua mensagem, sua palavra corre veloz” (Sl 147,15).

Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer ambientam a temática desse número, em torno à importância de cuidar da vida em tempos de pandemia. Não seria essa doença global um alerta da própria natureza sobre a falta de cuidado com o planeta? Os sinais apontam para uma resposta positiva a essa pergunta. As soluções podem ser buscadas nos textos bíblicos que indicam a necessidade de descanso. As tradições sabáticas identificam o *shabat* como descanso, como sétimo e como sábado. O sábado, portanto, como o sétimo dia de descanso, se identifica como espaço diferente, segundo o conceito de heterotopia (outro lugar), em que o ser humano dá uma pausa para si e para o seu ambiente vital. “Seis dias trabalharás; mas ao sétimo dia descansarás” (Ex 34,21).

Leonardo Mendes Cardoso relaciona o isolamento social com a busca pela pureza, a partir dos textos de Levítico e Números, especificamente Lv 13,45-46 e Nm 5,1-3, conforme o modelo: “Ordena aos filhos de Israel que excluam do acampamento todo leproso, todas as pessoas enfermas de corrimento ou todo aquele que se tornou impuro devido ao contato com um morto” (Nm 5,2). Com olhar médico, ausculta as origens, causas e motivações das práticas necessárias de exclusão do convívio social, em surtos de doenças infectocontagiosas. Situa as leis bíblicas em seu ambiente vital precário, de intempéries climáticas e de carências de higiene. Esclarece o conceito de doença traduzido como “lepra”, aplicado a uma série de males sem explicação, do ponto de vista científico à época. Pela mesma carência de conhecimentos científicos, justifica-se o diagnóstico e tratamento praticados por sacerdotes e legitimados pela palavra de Deus. Entretanto, essas práticas remetem para a força da fé que dá sustentação nos momentos de crise.

Leonardo Agostini Fernandes lê Dt 16,18-20, tendo como chave de interpretação a ordem: “Busca somente a justiça, para que vivas e possuas a terra que Javé teu Deus te dará” (Dt 16,20). Lança um olhar atento sobre a recomendação do Deuteronômio para que sejam constituídos tribunais em cada cidade, com juízes que emitam sentenças justas, na perspectiva da crítica à corrupção. O texto em análise é situado no momento-chave da aliança, em que posse da terra de Canaã é condicionada à prática da justiça e do direito. A análise detalhada do texto bíblico explica o sentido de cada recomendação e critica o uso de critérios humanos em substituição à justiça divina como fundamento de verdade absoluta. *Rogério Goldoni Silveira* se pergunta, com o salmista: “Até quando, Senhor, me esquecerás?” (Sl 13,1). O grito de sofrimento que leva à confiança no Senhor se apresenta como um caminho para o ser humano, em meio às crises, como a da atual pandemia. Esse caminho proposto pelo Salmo 13, tem três estágios exemplares: começa com uma lamentação em que o salmista apresenta o seu sofrimento; em seguida há uma súplica, com pedido de ajuda e, por fim, um louvor confiante, pela ação de Deus em sua vida. Lamentação, súplica e louvor servem como itinerário espiritual para superar momentos de dor e de sofrimento. Do questionamento “até quando, Senhor?”, para o “responde-me, Senhor”, a oração chega ao “cantarei ao Senhor, pois me recompensou”.

Tércio Machado Siqueira explica outro modelo de lamentação individual, o Salmo 38, como um grito de socorro, com plena confiança. O lugar vivencial do Salmo é a casa do enfermo, lugar em que se ora, numa liturgia de cura. A análise detalhada mostra

a lamentação mesclada com a confiança, num itinerário que pode ser delineado como: lamento e confiança, lamento e confiança. Em sua lamentação, o salmista se demora na descrição do seu sofrimento, com diversas metáforas sobre doença, perseguição e abandono. Na própria lamentação, no entanto, se insere a confiança: “Por ti, Javé, eu espero” (v. 16). O salmista demonstra que, quem expõe suas desgraças diante de deus é porque tem confiança e pode concluir: “Apressa por meu socorro, Adonai de minha salvação” (v. 23).

João Luiz Correia Júnior e Álvaro César Pestana se inserem no mundo do Novo Testamento, especificamente no ambiente de Jesus de Nazaré, segundo o Evangelho de Marcos, para conferir a prática compassiva e solidária do Mestre, com relação ao cuidado com pessoas doentes. Constatam que a atual crise na saúde pública tem ainda pontos em comum com o abandono de pobres e enfermos dos tempos do Império Romano, nos confins da Palestina. Vale a motivação de Jesus que: “Viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Ao descrever a compaixão como motivação para Jesus se dedicar às pessoas enfermas, explicam alguns elementos fundamentais da ação de Jesus, em vista de uma prática humanista restauradora de vidas. Entre essas práticas, a exposição detalha: cuidado das pessoas doentes nas casas; atendimento imediato de pessoas em dificuldade; coragem para enfrentar as doenças; enfrentamento das impurezas contagiosas; força da oração; vigilância constante diante das dificuldades.

Waldecir Gonzaga e Doaldo Ferreira Belem fazem a releitura, para a realidade crítica atual, de textos do Novo Testamento, nos quais se realça a Vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso. A palavra misericórdia, com os seus sinônimos, é analisada nos diversos blocos (*corpora*) do Novo Testamento, seja nos Evangelhos Sinóticos, nas cartas de Paulo, nos escritos joaninos e nas cartas católicas. A palavra vida, segundo o mesmo modelo de análise, é explicada em seguida, em cada um desses mesmos blocos. As atitudes de Jesus, com misericórdia, em favor da vida, orientam a prática cristã em todos os tempos, mas se tornam prementes em situações de crise, quando as pessoas se encontram mais fragilizadas e carentes. Com maior força ecoam as palavras de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e tenham em abundância” (Jo 10,10).

Rubens Alves Costa concentra a sua análise sobre o pedido “Venha o teu reino” (Mt 6,10), da oração do Pai nosso, no Evangelho de Mateus, como proposta do Reino de Deus, contrária ao reino imposto pelo Império Romano. Enquanto o Reino de Deus se fundamenta na justiça, o reino humano se baseia na violência. O pedido pelo Reino de Deus quer paz, solidariedade e partilha, para superar o reino humano de guerras, miséria e doenças. “Venha o teu reino” representa, portanto, a utopia apresentada por Jesus, por um lado, e, por outro, a denúncia contra poderes dominadores, “mas livra-nos do mal”. A oração representa, desse modo, um pedido engajado, de uma comunidade perseguida e sofredora, comprometida com a causa da justiça, em favor das pessoas debilitadas.

Elda Cássia de Lima apresenta Maria Madalena, à luz do decreto de 2016, no qual “O Sumo Pontífice Francisco estabeleceu que doravante a celebração de Santa Maria Madalena deve ser inscrita no Calendário Romano Geral com o grau de festa, e não já de memória, como é de hoje”. O mesmo decreto documenta que ela foi chamada por São Gregório Magno “testemunha da misericórdia divina” e por São Tomás de Aquino

“apóstola dos apóstolos”. Por ser ela essa mulher que amou o Cristo e foi amada por ele, “hoje pode ser vista pelos fiéis como paradigma da missão das mulheres na Igreja”. Essa importância paradigmática de Maria Madalena é fundamentada nos Evangelhos, que a apresentam como primeira testemunha e evangelista da Ressurreição do Senhor. Segundo Mateus, Maria Madalena e a outra Maria, “Partindo depressa do túmulo, com medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos” (Mt 28,8). Recupera-se, assim, a sua verdadeira função como apóstola, contra diversas distorções da sua imagem, ao longo da história.

Mariana Schiatti propõe a leitura do texto de Filipenses: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (Fp 4,6). Situa o texto no cenário caótico da comunidade de Filipos, e o relaciona com a situação atual, de doenças emocionais e mentais. Avalia a dupla face da ansiedade, negativa e positiva, e propõe tratá-la como aliada, em momentos desafiadores de caos e de crise. Recorda que Paulo escreve aos Filipenses, num momento particularmente tenso de sua vida, em que ele está superando a crise da prisão, a uma comunidade pressionada por um sistema repressivo e excludente. No contexto de Filipos, assim como no atual, a ansiedade pode ser vista como uma aliada para superar as angústias.

Luiz Alexandre Solano Rossi e Valmor da Silva buscam respostas ao sofrimento humano a partir dos textos bíblicos. Concretamente, expõem algumas explicações, no contexto de blocos literários específicos. A Obra Historiográfica Deuteronomista justifica que o sofrimento é punição divina, conforme a teologia da retribuição. A profecia dá um passo adiante e diz que a misericórdia triunfa do julgamento, por isso Deus se solidariza com a dor humana. A literatura sapiencial enxerga o valor pedagógico do sofrimento, como forma disciplinar e de aperfeiçoamento humano. Particularmente os livros sapienciais de Jó e Coélet aprofundam, respectivamente, o protesto contra o sofrimento do justo e o ceticismo quanto ao valor do sofrimento. A literatura apocalíptica, enfim, apresenta a superação da dor e do sofrimento, mediante a esperança no novo céu e nova terra, em que o Deus conosco “Enxugará toda lágrima dos seus olhos. Pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (Ap 21,4).

Com o desejo de boa leitura, augura-se que estas páginas levem a exclamar, com o salmista: “Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho” (Sl 119,105).